Controlamos o comportamento?

Investigar a OXITOCINA

É bom pensar que temos o controlo sobre o que decidimos ou fazemos, mas, afinal, basta uma troca de olhares ou um toque no nosso corpo para produzir alterações químicas no cérebro capazes de nos levar a confiar ou cooperar com alguém. A neurobióloga Diana Prata explica como.

O projeto ganhou forma há quatro meses e, ao longo dos próximos cinco anos, vai estudar os comportamentos de cooperação, confiança e competição em cerca de 300 pessoas. O objetivo é compreender os mecanismos e os efeitos da oxitocina, uma substância produzida no hipotálamo que tem a capacidade de influenciar a nossa disposição para colaborar com as outras pessoas. Pelo meio, surgem duas perguntas incómodas. Até que ponto o comportamento humano é biologicamente determinado? É possível manipulá-lo através de fármacos? À frente do estudo, e de uma equipa formada por um médico, um engenheiro biofísico, duas psicólogas, uma bióloga e uma matemática, está a neurobióloga Diana Prata, vencedora de uma bolsa Marie Curie de Integração Carreira, da União Europeia, no valor de cem mil euros.

O quartel-general onde as investigações terão lugar é o Instituto de Medicina Molecular, da Universidade de Lisboa. Aí, e ao longo de dois dias, os candidatos serão submetidos a uma bateria de testes, com destaque para as imagens por ressonância magnética, para ver o que acontece no cérebro em tempo real. "Estou interessada em jogos que envolvam dilemas sociais, para ver o que as pessoas decidem e o que acontece no cérebro quando estão a fazê-lo", explica a cientista. Basicamente, quer-se saber que zonas se ativam quando nos decidimos por um comportamento pró-social ou egoísta, por exemplo. Já agora, que mecanismos são desencadeados na massa cinzenta quando vemos uma cara que nos inspira mais ou menos confiança? A equipa vai também medir os níveis de oxitocina no sangue e ver que genes podem ter um papel a desempenhar.

Um dos desafios deste tipo de estudos é desmontar muitas das assunções que temos sobre nós próprios, mesmo que sejam ilusão. Neste capítulo, Diana Prata é perentória: as pessoas acreditam que existem fatores biológicos ligados às doenças psiquiátricas, mas não que eles estejam associados aos comportamentos do dia a dia. "Ora, isto não faz sentido", diz. "Se a biologia está envolvida numa das situações, então também está na outra." Está dado o mote para a conversa.

MANIPULAÇÃO SOCIAL

A equipa que lidera vai tentar perceber como os fatores biológicos influenciam a cognição e o comportamento. Contudo, grande parte da vossa atenção recai sobre um único suspeito, a oxitocina. O que tem ele de tão especial?

É o que estamos a tentar descobrir. Há estudos que demonstram que as pessoas "manipuladas" pela oxitocina, ou seja, quando a inalam pelo nariz, não só têm comportamentos mais pró-sociais, conseguindo adivinhar melhor as emoções de outras pessoas ao olhar para as suas fotografias, como se revelam mais generosas. Por exemplo, em alguns testes, e em média, quem recebia oxitocina dava a outra pessoa uma maior parte de um prémio entregue pelo experimentador. Há, igualmente, outros estudos relacionados com a confiança, em que um jogador espera que o seu ato cooperante seja retribuído pelo outro. Por exemplo, quanto mais dinheiro eu investir inicialmente em alguém, mais espero que essa pessoa partilhe o que vier a ganhar, embora ela possa ficar com o dinheiro todo. Nesses testes, verificou-se que os que mais davam eram os que, anteriormente, tinham recebido a oxitocina. Todas estas experiências são ainda muito preliminares, faltando mais estudos que deem consistência aos resultados.

Em que partes do cérebro atua a oxitocina? Com que efeitos?

A oxitocina reduz a atividade da amígdala, uma zona do cérebro que sinaliza o medo, como quando vemos expressões de medo nos outros. Ela faz a amígdala ser menos ativada e, julgamos nós, isso leva a que o medo se reduza, pois também se observou que a oxitocina reduz a ansiedade. Em algumas experiências, as pessoas passaram, depois de inalarem oxitocina, a identificar algumas caras como sendo menos assustadoras, em comparação com o que tinham antes indicado. Também há indícios de que ela aumenta a ativação do centro de "aprendizagem por recompensa" no cérebro, o estriado.

MAIS PRAZER, MAIS CONFIANÇA

É isso que faz aumentar a nossa confiança em relação a alguém e querer cooperar mais?

Pelo menos, quando se trata de uma pessoa que não pertence a outro grupo competidor, pensa-se que a oxitocina nos ajuda a aproximar dela, levando a que haja uma atitude de maior confiança, podendo crescer com a repetição de interações cooperantes. O que estamos a tentar fazer no Instituto de Medicina Molecular é perceber o mecanismo envolvido. O projeto que estamos agora a começar quer entender como é que ela atua na amígdala e no estriado. Uma das hipóteses que avançamos é que a atitude de confiança poderá dever-se a uma estimulação no sistema de prazer, tornando mais recompensante uma interação social que consideramos ser boa. Essa interação pode já ser recompensante, mas talvez a oxitocina torne a sensação ainda mais forte, e, dessa forma, aumente a suscetibilidade para confiar e cooperar. Para isto, precisamos de saber, por exemplo, onde estão exatamente e como trabalham os recetores de oxitocina no cérebro humano.

Curiosamente, as experiências para conhecer melhor a influência da oxitocina só se tornaram comuns há cerca de uma década, apesar de se saber, há muito, que são várias as situações em que o corpo a produz de forma natural.

O que se passa no cérebro? Diana Prata vai estudar, ao longo dos próximos cinco anos, até que ponto o comportamento humano é biologicamente determinado pela oxitocina, uma substância capaz de estimular a vontade para cooperar e confiar nas outras pessoas.